

CORREIO ECONÔMICO

POR MARCELLO SIGWALT



BC avalia que Pix parcelado deve favorecer consumo

Pix: BC divulga datas de lançamento de funções

Poucas horas após o presidente do Banco Central (BC), Gabriel Galípolo, anunciar as próximas inovações no Pix, a autoridade monetária divulgou as datas de lançamento de três funcionalidades no sistema de transferências instantâneas.

Pelo cronograma da autarquia, as novas ferramentas devem estar disponíveis nas seguintes datas:

Pix garantia	Calotes
Voltado a empreendedores, o Pix em garantia permitirá que empresas ofereçam recebíveis futuros (valores a receber) de Pix como garantia em operações de crédito, o que deve baratear os juros das linhas de crédito a pessoas jurídicas, usuárias do Pix.	Por meio da garantia de uma linha de crédito, a instituição financeira pode tomar bens e recursos para cobrir eventuais calotes. Para o BC, o Pix em garantia é voltado apenas para estabelecimentos comerciais e empresas, sem alterar o uso do Pix por pessoas físicas.



Antecipação do 13º é 'alívio' para trabalhador-eleitor

Antecipação de 13º deve injetar R\$ 73,3 bi na economia

Uma injeção de R\$ 73,3 bilhões na economia brasileira.

Essa é a previsão feita, nessa quinta-feira (3), pelo Ministério da Previdência Social, em decorrência do impacto econômico da antecipação do 13º para aposentados, pensionistas e beneficiários de auxílios do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), o que beneficiará 34,2 milhões de pessoas.

A primeira parcela deverá ser paga no período de 24 de abril a 8 de maio. A segunda, de 26 de maio a 6 de junho.

O critério para determinação das datas leva em conta o dígito final do Número de Inscrição Social (NIS) e com base na renda do beneficiário.

Sexto ano	Consulta
Com a antecipação anunciada em 2025, este será o 6º ano seguido em que os segurados do INSS receberão o 13º ante da data (agosto e dezembro). Em 2020 e 2021, o pagamento foi antecipado pela pandemia. Em 2022 e 2023, as parcelas foram pagas em maio e junho.	Aqueles que não tiverem acesso à Internet poderão consultar a liberação do 13º pelo telefone 135, bastando informar o número do CPF e confirmar alguns dados ao atendente, antes de fazer a consulta. O atendimento é de segunda a sábado, das 7h às 22h.
Desafio	Custo final
O principal desafio econômico para a indústria automobilística no país é a Selic, disparou o CEO da Renault Brasil, Ricardo Gondo, em painel “Uma visão setorial: impactos da conjuntura econômica atual”, do evento Country Risk Brasil 2025, promovido pela Coface.	Gondo argumenta que a taxa básica de juros elevada afeta o custo final dos veículos, e que o segmento exige muito capital. “A segunda preocupação do setor é com o câmbio, pois parte dos componentes dos veículos é importada”, acrescentou o CEO.

CNI enfatiza que momento requer diálogo com os EUA

Entidade prega necessidade de ‘preservar’ a relação bilateral histórica

Por Marcello Sigwalt

Ante o anúncio de sobretaxas que somam 10% sobre os produtos nacionais, por parte do governo dos Estados Unidos, a Confederação Nacional da indústria (CNI) decidiu adotar uma postura cautelosa no tratamento da questão.

Além de admitir a preocupação com o avanço protecionista ianque, a entidade entende que é preciso “fazer uma análise detalhada” das medidas divulgadas, nessa quinta-feira (3) pelo presidente estadunidense Donald Trump, tendo em vista ‘insistir’ no diálogo para que se preserve uma relação bilateral histórica e complementar entre o Brasil e os EUA.

Na avaliação do presidente da CNI, Ricardo Alban, claro que nos preocupamos com qualquer medida que dificulte a entrada dos nossos produtos em um mercado tão importante quanto os EUA, o principal para as exportações da indústria brasileira. No entanto, precisamos fazer uma análise completa do ato. É preciso insi-



Principal entidade industrial do país entende que o momento é de negociação

sistir e intensificar o diálogo para encontrar saídas que reduzam os eventuais impactos das medidas”.

Certo é que a tarifa adicional de 10%, anunciada pelos EUA, afetará todos os países, passando a entrar em vigor no próximo sábado (5). Para tanto, foi adotado como critério que as tarifas mais altas serão aplica-

Dólar recua 1,2%, cotado a R\$ 5,6281

Após furar o piso de R\$ 5,60 pela manhã, com mínima a R\$ 5,5934, o dólar à vista reduziu as perdas ao longo da tarde, em sintonia como exterior, e encerrou a sessão desta quinta-feira, 3, a primeira após o tarifaço de Donald Trump, em queda de 1,20%, cotado a R\$ 5,6281. Trata-se do menor valor de fechamento desde 14 de outubro (R\$ 5,5827).

O real foi um dos destaques entre as divisas emergentes e de países exportadores de commodities em dia de perdas generalizadas do dólar. Os produtos brasileiros serão taxados em 10%, o piso inferior das tarifas anunciadas pelo presidente americano, bem abaixo de imposto a países asiáticos – em especial China (34%) e Vietnã (46%)- e à União Europeia (20%).

Como era de se esperar, investidores abandonaram as bolsas em Nova York, com Nasdaq

amargando perdas de mais de 5%, e correram para os títulos dos Treasuries, cujas taxas recuaram. Porém, ao contrário do visto em movimentos tradicionais de aversão ao risco, a moeda americana não se fortaleceu na comparação com divisas emergentes.

A perspectiva de desaceleração, embora não iminente, da economia dos EUA esquentou a temporada de apostas em torno de cortes de juros pelo Federal Reserve neste ano – uma vez que a perspectiva é que a inflação provocada pelas tarifas seja transitória. O petróleo caiu mais de 6%, com o barril tipo Brent no limiar dos US\$ 70.

O sócio e diretor de investimentos da Azimut Brasil Wealth Management, Leonardo Monoli, avalia que, inicialmente, o cenário desenhado pelo tarifaço pode favorecer um rebalanceamento em direção aos mercados emergentes.

Com tributação ianque, bolsa tomba

Mesmo com forte pressão em Vale (ON -3,62%) e Petrobras (ON -3,53%, PN -3,23%), o Ibovespa escapou nesta quinta-feira (3), relativamente ileso dos efeitos secundários do Dia da Libertação, o tarifaço concretizado no fim da tarde da quarta-feira pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump – e que teria saído barato a princípio para o Brasil, tributado com a tarifa mínima prevista, de 10%, em vigor a partir deste sábado, 5.



Tarifaço ianque abalou mercados emergentes, como o Brasil

Após a “Libertação” protecionista, boa parte dos mercados globais passou por acentuada correção nesta quinta-feira, com destaque para o mergulho de 5,97% do índice de tecnologia de Nova York, o Nasdaq. Dow Jones cedeu 3,98% e S&P 500 caiu 4,84%.

Aqui no Brasil, o índice da B3 fechou pouco abaixo da estabilidade (-0,04%), aos 131.140,65 pontos, com giro a R\$ 28,2 bilhões na sessão.

Nesta quinta, oscilou entre mínima de 130.181,74 e máxima de 132.552,11 pontos, saindo de abertura aos 131.185,39 pontos.

Na semana, ainda cai 0,58%, mas acumula ganho de 0,68% no agregado das

três primeiras sessões do mês. No ano, sobe 9,03%.

O dia seguinte ao tarifaço norte-americano foi de recuo limitado para os preços do minério de ferro na China, e de queda livre para o petróleo em Londres e Nova York, com perdas superiores a 6% no fechamento do Brent e do WTI.

Apesar do desempenho negativo das gigantes das commodities – Vale e Petrobras -, o dia foi de avanço para as ações de grandes bancos, em faixa acima de 1% para Itaú (PN +1,78%), Bradesco (ON +1,88%, PN +1,92%) e Santander (Unit +1,40%).

Na ponta ganhadora, Auren (+7,58%), Magazine Luiza (+5,45%) e Iguatemi (+5,12%). No lado oposto, Brava (-7,18%), Prio (-6,95%) e São Martinho (-5,79%).

Em geral, na sessão desta quinta, a queda dos juros futuros impulsionou empresas do setor de educação, como Yduqs (+3,78%), e favoreceu papéis do setor de consumo, varejo e construção, como Lojas Renner (+2,24%), Assai (+4,58%), Cyrela (+4,39%) e Magazine Luiza, destaca Alison Correia, analista da Dom Investimentos.

Tarifaço de Trump derruba os futuros

Os juros futuros fecharam a sessão em forte baixa, em meio ao tarifaço anunciado pelo presidente dos EUA que derrubou as curvas de juros globais. Os investidores buscaram segurança nos Treasuries, o que pressionou os rendimentos para baixo, sob o temor de recessão. Adicionalmente, o mercado comemorou o fato de o Brasil ter sido taxado pela alíquota mínima de 10%. Sob o ponto de vista da política monetária, a precificação da curva a termo mostra aumento das apostas num ciclo mais brando da Selic nesta reta final de aperto e ligeira antecipação na expectativa de início do processo de cortes.

Numa sessão com volume acima da média diária padrão, o contrato de Depósito Interfinanceiro (DI) para janeiro de 2026 fechou com taxa de 14,745%, na mínima, de 15,011% ontem no ajuste, e a do DI para janeiro de 2027 caiu

de 14,84% para 14,37%. A do DI para janeiro de 2029 encerrou em 14,13%, de 14,60%. No fim da tarde, o yield da T-Note de 10 anos era negociado perto dos 4%.

Apesar do fim do suspense sobre as tarifas, as incertezas se renovaram pelo temor de uma guerra comercial. Há expectativa sobre as respostas dos países, sobretudo os mais taxados e, neste grupo, as atenções estão bastante voltadas à União Europeia e China. Mesmo entrando no grupo da tarifa mínima de 10%, o Brasil deve responder aos EUA de alguma forma. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse que o governo vai tomar “todas as medidas cabíveis” para defender o País. Segundo ele, a atuação terá como referência a lei da reciprocidade econômica aprovada ontem pelo Congresso e as diretrizes da Organização Mundial do Comércio (OMC).